

Flávia Savary

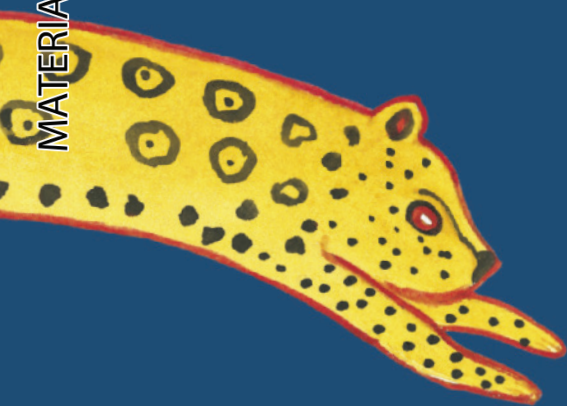
Conto

*Quem mais ameaça:
a chuva ou a onça?*

do livro:

Lendas da Amazônia

... e é assim até hoje



FTD

Ilustrações Tati Mões



Copyright © Flávia Savary, 2016

Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial Ceciliany Alves

Gerente editorial Isabel Lopes Coelho

Editora Débora Lima

Editora assistente Agueda del Pozo

Preparadora Elvira Rocha

Revisora Bruna Perrella Brito

Editora de arte Andréia Crema

Diagramador Paulo Minuzzo

Diretor de operações e produção gráfica Reginaldo Soares Damasceno

FLÁVIA SAVARY é escritora, ilustradora e dramaturga carioca. Formada em Letras pela UFRJ, trabalha com literatura desde 1979. Ganhou numerosos prêmios literários no Brasil e no exterior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Savary, Flávia

Lendas da Amazônia... e é assim até hoje /
Flávia Savary ; ilustrações Tati Mões. – 3. ed. –
São Paulo : FTD, 2016.

ISBN 978-85-96-00249-3

1. Lendas – Amazônia 2. Literatura folclórica
– Amazônia I. Mões, Tati. II. Título.

16-00260

CDD-398.209811

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Histórias folclóricas 398.209811
2. Amazônia : Lendas : Folclore 398.209811
3. Amazônia : Literatura folclórica 398.209811

A primeira edição desta obra recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Lendas da Amazônia

... e é assim até hoje

Flávia Savary

Ilustrações Tati Mões

3ª edição

FTD

São Paulo – 2016



Quem mais ameaça: chuva ou onça?

À noite, era quando Mayulauaípu, o pajé dos Taulipang, gostava de transmitir aos curumins histórias da tradição de seu povo. Acontece que, à noite, o Oitibó chora seu nome, os Andirás espreitam na palha das malocas e Juru-pari faz das suas. A noite não cobre a terra de escuridão apenas – faz também pesar, no coração dos homens, o medo.



E quem é esse tal de Jurupari? Justamente o personagem central das histórias escolhidas pra serem contadas, naquela noite sem lua, pelo pajé. E ele colocava tanta alma nas palavras que a audiência foi aumentando. Aos curumins, ajuntaram-se todos os Taulipang, desejando beber da experiência de Mayulauaípu.

– Jurupari é **puxi** – dizia o pajé. – Não vale nada, mas engana os homens dizendo-se **catu**. Jurupari é **puxuêra** e **nema**, mas se mostra **porang** e **çaquenaçaua catu**. Toma forma de coisa, de bicho, até de gente! Jurupari pode estar aqui, neste momento, fazendo parte da roda em volta do fogo!

Quando o pajé falou a frase assombrosa, os olhos todos se arregalaram, gargantas secaram, um arrepio de medo varreu a aldeia. Um a um, os adultos começaram a jogar varetas no fogo, a fim de que ele ficasse claro e quente feito o dia. Só que exageraram e, daí a pouco, a fumaça tomou conta do ambiente. Foi um tal de tossir, lacrimejar e praguejar contra Jurupari, que tiveram de dormir do lado de fora, armando as redes no terreiro. Sobretudo, proibiram o pajé de mencionar Jurupari, a fim de que dormissem sossegados, sem a visita de sonhos maus.

Ali perto, rondava uma **Jaguetê**. Estando de barriga cheia, procurava assunto pra se distrair. Uma gota, grande como um coco, caiu-lhe bem no meio da fuça. Era a Chuva, que também tomava a fresca da noite.

– Comadre Onça, há quanto tempo! Que bons ventos a trazem? – cumprimentou-a, intempestiva, a Chuva.

– Vento nenhum, minhas patas é que me trouxeram! – respondeu, do alto de sua arrogância, a pintada. – Vou pregar uma peça nessa gente, rugindo e mandando todos de volta pra maloca. Quer ver só?

Jaguetê se tinha na conta de um bicho muito temido e respeitado pelos índios, o que, de fato, ela era. Mas a Chuva resolveu baixar a crista da comadre, que estava convencida demais.

– Gente não teme Onça não. Teme é a mim.

– Que conversa é essa, comadre Chuva? – retrucou a pintada. – Índio com medo de água? Parece piada! Façamos um trato: vou cantar em volta do terreiro, e você vá lá ouvir o que murmuram os pobres. Tá bom assim?

– Fechado! – arrematou a Chuva.

Em forma de orvalho noturno, a Chuva se espalhou sobre as folhas do roçado e ficou escutando. Do meio da floresta, soaram os rugidos cavernosos da Onça. Ninguém se abalou. Em vez de tremer, de sua rede, um índio virou pro outro e falou:

– Oba, tem Jaguetê no mato! Bom pra fazer tapete e oferecer à **cunhã** que desejo esposar.

– Então, amanhã saímos pra flechar a bicha – respondeu o companheiro da rede ao lado.

A Chuva guardou as palavras e voltou ao lugar onde a comadre a esperava.

– E aí, que disseram os homens? Se é que sobrou algum do lado de fora da maloca! – se pavoneou a pintada.

– lh, comadre, nem lhe conto!

– Nem lhe conto, uma ova! Aposto que estão correndo até agora. Conte logo o que ouviu!

– Já que a comadre insiste... Um bravo Taulipang quer fazer de seu couro tapete pra dona do seu coração. E o outro, atirar-lhe flechas em cima. Se eu fosse a senhora, tirava uma linha reta e sumia mata adentro!

A Onça ficou rubra de raiva. Porém, não tendo a Chuva fama de mentirosa, a coisa parecia mesmo feia pro lado da pintada. A Chuva aproveitou a deixa:

– Os homens não temem Jaguaretê. Mas, de mim, garanto que correrão.

– Você mesma não os chamou, agorinha, de “bravos Taulipang”? Quer me convencer que valentes têm medo de água?

– Digo e sustento. Vou provar que estou com a razão. Procure um galho alto, perto da aldeia, e observe. Depois, voltamos a nos falar.

– Mal posso esperar! – zombou a Onça, certa de que a última palavra seria sua.

A Chuva foi armar-se, antes de se apresentar aos homens. Armou-se de ventos impetuosos, redemoinhos, relâmpagos e fagulhas pra abrir rasgos de luz na noite, seguidos de trovões de voz forte feito a de **Tupã**. Depois montou numa nuvem e surgiu de dentro da sombra tenebrosa que caiu sobre os Taulipang. Esses, acordados pela zoeira dos elementos, disseram entre si:

– Fugam, é a Chuva que chega!

E, às pressas, desmontaram as redes e correram de volta pra maloca.

Jaguetê, que a tudo assistia, teve de dar o braço, digo, a pata a torcer:

– É, comadre Chuva, essa aposta eu perdi feio!

E isso se repete até os dias de hoje, entre os Taulipang. De chuva eles têm medo, mas de onça não!

Inspirada em lenda divulgada por Herbert Baldus,
em *Lendas dos Índios do Brasil*.